

Imagens nos (e dos) movimentos sociais: o cotidiano e o extraordinário nos protestos de rua em Imperatriz-MA¹

Images in (and from) social movements: the daily and the extraordinary in street protests in Imperatriz-MA

Jesus Marmanillo Pereira

Universidade Federal do Maranhão, São Luís, Maranhão, Brasil

RESUMO

Por meio de um estudo interdisciplinar, valemo-nos de teóricos da Antropologia Visual e da Teoria dos Movimentos Sociais para refletir sobre a potência das imagens nos processos de pesquisa e na luta política. Neste estudo, enfatizamos o papel da reflexividade (PINK, 2005) e da pluralidade (LAHIRE, 2002) dos atores, sentidos e formas de produzir imagens nos contextos cotidianos e extraordinários. Para tanto, foram problematizadas tanto as imagens produzidas em campo quanto as produzidas e difundidas pelo Movimento Estudantil e pelo Fórum de Defesa da Previdência Social Pública. A análise da atuação dessas entidades nos protestos sinaliza que as imagens possuem funções estratégicas nos trabalhos de construção de significado que refletem as características sociais dos próprios movimentos sociais. Longe de esgotar as possibilidades analíticas, o presente estudo almeja apontar uma possibilidade de abordagem cultural em pesquisas sobre ações coletivas.

Palavras-chave: Imagens, Reflexividade, Movimentos Sociais.

¹ Pesquisa financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão – FAPEMA (EDITAL UNIVERSAL-01085/18).

Recebido em 02 de maio de 2020.
Avaliador A: 14 de junho de 2020.
Avaliador B: 13 de julho de 2020.
Aceito em 05 de outubro de 2020.



ABSTRACT

Through an interdisciplinary study, we used theorists of Visual Anthropology and Theory of Social Movements to reflect on the power of images in research processes and in political struggle. In this study, we emphasize the role of reflexivity (PINK, 2005) and plurality (LAHIRE, 2002) of the actors, meanings and ways of producing images in everyday and extraordinary contexts. Therefore, the images produced in the field, as well as those produced and disseminated by the Student Movement and the Forum for the Defense of Public Social Security, were problematized. The analysis of the performance of these entities in the protests indicates that the images have strategic functions in the construction of meaning that reflect the social characteristics of the social movements themselves. Far from exhausting the analytical possibilities, the present study aims to point to a possibility of a cultural approach in research on collective actions.

Keywords: Images, Reflexivity, Social Movements.

INTRODUÇÃO

Durante os dias 15 e 30 de maio (15M e 30M) de 2019, a cidade de Imperatriz-MA passou por uma situação extraordinária com passeatas constituídas pela união de vários segmentos sociais como Movimento estudantil, sindicatos, associações entre outros. Com faixas e cartazes, estudantes e trabalhadores criticavam o corte orçamentário de 30% e o desrespeito do então ministro da educação Abraham Weintraub com as instituições públicas de ensino².

Além do contexto extraordinário de ocupação das praças e ruas por manifestantes e do contexto excepcional no qual um ministro desqualifica as instituições públicas, buscaremos demonstrar que as ações coletivas resultam de processos de organização e relações sociais que se expressam por meio de imagens (vídeo ou fotografia). Nesse sentido, o presente artigo buscará compreender tais processos de militância, por meio da pesquisa com imagem, em sua potência política e reflexividade (PINK, 2005). Trata-se assim de uma perspectiva interdisciplinar que busca mesclar as contribuições da Antropologia Visual e de alguns teóricos como Snow e Benford (2000) e Tarrow (2009), oriundos das teorias sobre movimentos sociais.

Para observar esses aspectos, tivemos como campo os trabalhos do Fórum de Defesa da

² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=o8OsalNjsy4>. Acesso: 08 out. 2019, 21:46.

Previdência Social Pública (FDPSP) e de alguns membros do movimento estudantil da Universidade Federal do Maranhão, bem como as passeatas nas ruas e os perfis dessas entidades nas redes sociais durante o ano de 2019. Segundo Dias e Pereira (2020), o FDPSP emergiu de um grupo mesclado de lideranças de vários movimentos sociais. Atualmente, possui uma bandeira suprapartidária e relação com outro movimento, ocorrido em 2015, chamado Frente Brasil Popular. Já o movimento estudantil tem realizado ações conjuntas com os Centros Acadêmicos, das universidades e institutos locais, movimentos sociais e Diretórios Estudantis das instituições de ensino de Imperatriz-MA. Desses campos, extraímos imagens feitas e divulgadas pelos militantes e produzimos nossas próprias. Além disso, diálogos informais e informações de redes sociais foram utilizados como dados de pesquisa. Isso tudo foi sistematizado em três partes, nas quais são explicitados: 1) alguns itinerários da pesquisa de campo; 2) processos de produção das imagens; e 3) a circulação e as implicações políticas dessas imagens.

ANTROPOLOGIA VISUAL E MOVIMENTOS SOCIAIS: ITINERÁRIOS DE UMA PESQUISA COM IMAGENS

Pink (2005) explica a importância da autorreflexão na operação de pensar e explicar como as posições sociais podem ter influência e alterar os objetos observados em campo. Para ela, trata-se de uma relação que, tanto na produção e interpretação de imagens quanto na relação pesquisador-nativos, é permeada por relações de poder. Ela demonstra que, para teóricos como David MacDougall, apenas a explicação das condições da pesquisa não seria o suficiente, já que o pesquisador possui uma posição transitória que possibilita experimentar diferentes níveis de compreensão ao longo da investigação.

Assim, para compreender o contexto inicial dos contatos com o objeto de estudo, é importante explicar que a cidade de Imperatriz é a segunda maior do estado do Maranhão, com 258.682 habitantes (IBGE, 2019). Cheguei a essa cidade em 13 de junho de 2014 para exercer o ofício de professor e pesquisador, no contexto do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI).

Em 15 de março de 2015, realizei meus primeiros registros fotográficos de mobilizações acompanhando as manifestações estudantis que reivindicavam por transporte público de qualidade. Depois disso, passei a acompanhar diversas manifestações de rua e me filiei, em 14 de julho de 2016, à Associação dos Professores da Universidade Federal do Maranhão – APRUMA.

A partir de então, passei a observar o que havia de similar entre as manifestações e as diretrizes do sindicato³. Em um protesto de 2016, fiz um contato com o diretor regional do sindicato dos urbanitários, Jorge Furtado, que me chamou para representar os professores em uma das falas rápidas feitas durante o protesto contra as reformas da previdência.

Em 2017, a diretora de interiorização da APRUMA, Roseane Arcanjo, me orientou a participar das reuniões do FDPSP que, na época, estavam focadas no ato do dia 28 de abril daquele ano. Lá reencontrei o colega Jorge Furtado e fui me ambientando. Acompanhei os trabalhos do FDPSP até que, no ano de 2019, fui convidado⁴ para compor uma chapa que saiu vencedora na eleição da diretoria do sindicato, tornando-me assim diretor de interiorização. Na condição de representante local do sindicato, fui convidado a compor a coordenação do FDPSP, situação em que falei de meu interesse em colaborar e fazer pesquisa⁵ sobre movimentos sociais.

3 Sobre a relação com o engajamento na defesa de direitos sociais, é necessário explanar que entre 2005 e 2007 trabalhei na Sociedade Maranhense de Direitos Humanos, na qual fui conselheiro nos anos de 2015 e 2016 na cidade de Imperatriz-MA. Em 2012 e 2013, fui militante do sindicato dos professores da Universidade Estadual de Roraima (UERR), local onde pude alimentar os materiais de protestos que circulavam nas redes sociais por meio da produção de registros imagéticos. Acredito que meu interesse pelas práticas associativas tenha transitado da formação universitária até se consolidar em um sentimento de indignação com as injustiças sociais.

4 Fui convidado, em São Luís, pelo atual presidente da APRUMA, Bartolomeu Mendonça. A missão era sindicalizar o máximo de professores e aumentar a força do sindicato no interior do Maranhão.

5 A pesquisa em questão é integrada ao projeto “Fronteiras dos Movimentos sociais urbanos: Ações coletivas e enquadramentos de injustiça social”, que busca desenvolver uma etnografia sobre o FDPS. Ela realiza-se com total apoio e consentimento do fórum, como foi explicado. Além de tentar buscar visibilizar as ações da instituição analisada, vale ressaltar que se trata de pessoas públicas, dentre as quais quatro são candidatos a vereadores. Podemos ser pensados como apenas mais um produtor de imagens, ao lado da própria imprensa local e dos assessores de comunicação da instituição analisada.

Imagem 1. Circulação de fotografia em perfis e espaço dos militantes



Fonte: Facebook e blog (2020)⁶.

Antes dessa inserção mais pontual, a aproximação ocorria durante os protestos de rua, quando eu ia realizar os registros fotográficos. No início, sentia-me meio deslocado e isolado; mas, com o passar dos anos e a repetição das pessoas, minha imagem foi sendo naturalizada naquele ambiente e hoje já me comunico com colegas do FDPSP em outras situações, ou em encontros fortuitos na cidade. Acredito que esse processo foi sendo auxiliado pelas fotografias que realizava durante os protestos, que geralmente circulavam nas redes sociais e *blogs* de militantes e simpatizantes (imagem 1). Essa ação significava uma espécie de restituição e uma forma de demonstrar apoio às causas defendidas pelos movimentos sociais.

Creio que a aproximação partidária também possa ter influenciado essa inserção, pois os líderes sindicais do FDPSP fazem parte de diversos partidos de esquerda e, em 2018, consegui certa notabilidade na cidade ao ser filmado no jornal local com uma camisa da campanha Lula Livre (ocorreu uma falta de atenção da equipe com os detalhes de minha camisa). Além

⁶ Os respectivos perfis dos militantes e o blog <http://carlosleen.blogspot.com/2017/04/avaliacao-de-movimento-grevista-em.html>

disso, no mesmo ano, panfletei com personalidades de respeito na esquerda local, a exemplo do professor aposentado Magno Urbano. Essas foram ações que geraram maior identificação e (auto) reconhecimento no (e dos) movimentos, principalmente nessa cidade média onde muitos se conhecem e as fronteiras dos movimentos possuem boa delimitação social que gera a fácil identificação e vinculação das pessoas.

Sobre esse tipo de relação entre “pesquisador” e “objeto”, autores como Favret-Saada (2005), Damatta (1978) e Goldman (2003) nos fazem refletir que não se tratou de observação passiva de pesquisa pautada apenas no ponto de vista dos líderes ou de viés etnográfico sem aproximação com o “outro”. Ainda sobre essa reflexão entre o “eu” e o “outro”, consideramos o estudo de Mauad (2009) quando analisa a trajetória fotográfica de Milton Guran, pois ela nota que o fotógrafo expressava seu engajamento por meio das imagens. Com base no estudo da trajetória desse intelectual, Mauad (2009) afirma que existem “metamorfozes” nas quais os sujeitos do conhecimento são colocados em face de objetos que são tão sujeitos quanto eles.

Sobre nosso processo de produção de fotografias do (e nos) movimentos, verificamos que elas transitaram “por fora” e “por dentro”, caracterizando o que Guran (2011) aponta como as naturezas êmicas e éticas das fotografias – produzidas por membros da comunidade e por pesquisadores externos, respectivamente. Contudo, o autor enfatiza que isso não é algo estático, é possível ocorrer o trânsito “de fora para dentro”, ou seja, o pesquisador criar laços de afeto e viver as situações que escapam aos manuais de pesquisa. Como exemplo, ele cita os casos em que as fotografias feitas pelo pesquisador são expostas nas paredes dos pesquisados – no nosso caso, nas redes sociais e *blogs* dos participantes (Imagem1).

Sobre a produção de fotografia, alguns significados podem ser inferidos a partir daquele contexto de aproximação e participação, de modo que somos levados a pensar a fotografia como prática e ponte de aproximação com o grupo de militantes – sinalizando algumas visões de fora do grupo, mas também das fotografias produzidas (dentro) - nos âmbitos da organização e das próprias ações coletivas. Sobre essa situação é importante considerar

[a] necessidade de criar instrumentais teóricos de decodificação do produto visual (fotográfico), quer levando em conta o **contexto sociocultural de sua produção**, quer recorrendo à metodologia(s) interpretativas previamente definidas(s). Qualquer que seja o direcionamento, dever-se-á, ainda, aprofundar a **relação observador-observado** e pensar a questão da **intencionalidade tanto no uso da fotografia, quanto da devolução**. (SAMAIN, 2005, p. 119, grifo do autor).

Portanto, o contexto sociocultural, a relação observador-observado e a intencionalidade e a restituição são pontos fundamentais na pesquisa com imagens, os quais tentaremos tratar

ao longo deste trabalho. Tais orientações nos levam à compreensão de que as fontes imagéticas possuíram tanto natureza de pesquisa, servindo para documentar e refletir sobre a inserção em campo, quanto natureza mais engajada, quando se distribuía nas redes e projetavam o nome dos movimentos sociais locais. Assim, elas trazem um sentido simultaneamente teórico-metodológico e político. Como citado, os primeiros registros eram ancorados na valorização do aspecto extraordinário. Com a participação nas reuniões, passei a ser fotografado ao lado das lideranças do FDPSP, em imagens produzidas pelos próprios militantes – em situações de planejamento e organização da própria entidade.

Imagem 2. FDPSP e estudantes, em 2019 / Reunião interna da coordenação do FDPSP



Fonte: Arquivo do FDPSP (2019)⁷.

A Imagem 2 apresenta duas reuniões ocorridas nos meses de maio e dezembro de 2019. A pauta da primeira era a articulação com o movimento estudantil, relacionado ao protesto de 15M. Apesar de ter sido fotografado e não ter sido o autor da imagem, ela possui função similar à utilizada por Malinowski, demonstrando o “estar lá”. Nesse aspecto, Pink (2005) e Davis (1992) notam que as fotografias possuem maior validade do que a escrita, de modo que, geralmente, são usadas como provas para atestar a presença do etnógrafo em campo, valorizando a experiência do pesquisador e apoiando as afirmações estratégicas de autenticidade e autoridade dos etnógrafos.

A inserção na experiência dos protestos ocorridos nos dias 15 e 30 de maio de 2019 e na própria coordenação do Fórum não pode ser descontextualizada do processo anterior de produ-

⁷ Embora as imagens tenham sido tratadas para desfocar os rostos, sempre há uma intenção de publicizar as ações e reuniões do FDPSP para demonstrar organização, como é possível verificar no site: <https://bancariosma.org.br/paginas/noticias.asp?p=14984>.

ção de imagens, as quais foram gerando algum tipo de autoridade e evidenciando uma presença constante nos movimentos. Tais aspectos dialogam com a noção de fotoetnografia (ACHUTTI, 2004) que se baseia em uma relação entre o “olhar” do antropólogo e a técnica fotográfica e assim como na valorização das relações sociais. Desse modo, Achutti defende que: “o pesquisador sempre deve saber encontrar seu lugar de acordo com a qualidade das relações que ele poderá estabelecer com as pessoas estudadas” (ACHUTTI, 2004, p. 96).

As reuniões (Imagem 2) sinalizam esse processo de “busca de lugar”. Lá foi possível observar a negociação e o alinhamento dos pontos de vista dos membros do FDPSP e do movimento estudantil. A ação de alinhamento é muito privilegiada nas teorias dos movimentos sociais, especialmente porque sinaliza um processo de enquadramento. Para Snow e Benford (2000), ela ocorre quando membros de um movimento social buscam se alinhar pelo que possuem em comum. Tal como um enquadramento fotográfico, eles necessitam selecionar as informações que gerem unidade de significado para o grupo e excluir, ou negociar, as que promovam a discordância, ou seja, selecionam o que permanece e o que é excluído do “quadro”, conhecido como *frame*.

Assim, nas dinâmicas comunicativas e de interação (interior e exterior) dos movimentos sociais, as imagens fotográficas ou gráficas tornam-se um elemento fundamental para a compreensão dos *frames* de ação coletiva, especialmente por sua capacidade de expressar e reforçar os significados da ação e de se apresentarem publicamente. A esse respeito, Johnston e Klandermans (1995) explicam que o conceito possibilita uma análise interessante sobre a relação entre sistemas culturais e aspectos performáticos presenciados nas ações coletivas, focando assim nos padrões culturais e nos seus usos em situações de mobilização de organizações e instituições.

Os enquadramentos possuem as funções de atribuir significação às ações coletivas (protestos e outras mobilizações) e de arregimentar simpatizantes da causa. Eles desempenham tarefas diagnósticas (identificação e atribuições do problema), prognósticas (articulação e proposição de soluções) e motivacionais (convocação das pessoas para as ruas). Assim como as primeiras definições de quadro, tal perspectiva, nos movimentos, também ocorre por meio de processos discursivos e estratégicos, que operacionalizam exclusão, ocultamento, exibição e outras manipulações da informação⁸.

Dessa maneira, podemos inferir que a imagem 2 simboliza tais processos; pois, nessa reunião entre estudantes e lideranças sindicais, foi possível notar diálogos nos quais os sindicalistas explicavam para os estudantes que eles seriam os trabalhadores “de amanhã” e que, por

8 Tal qual um fotógrafo quando realiza o enquadramento do objeto a ser registrado.

isso, a luta contra as reformas trabalhistas e da previdência também era deles.

No âmbito das imagens produzidas pelos próprios grupos, acreditamos que sejam expressões e resultados desses processos de negociação e alinhamento, pois buscam reforçar as ideias centrais defendidas pelos movimentos sociais. A partir desses processos é que são escolhidas as palavras de ordem, as imagens e as mensagens dos cartazes e faixas, bem como as formas de ativismo.

Além dessa observação interna e detalhada das operacionalizações, essa etapa da pesquisa possibilitou compreender que, apesar das especificidades, os propósitos comuns são capazes de aglutinar as “diferenças” em torno do combate dos “inimigos” comuns a todos. Contudo, isso não descartou a existência de tensões e hierarquizações dentro do próprio grupo. Assim, se as primeiras observações, mais panorâmicas, possibilitam compreender a luta política como uma oposição entre esquerda e direita, o tempo tornou possível notar outras arenas internas.

Dessa forma, a ideia de panorama e mergulho são diretamente condicionadas e análogas às de extraordinário e cotidiano, pois há uma camada visível do processo para o público em geral, que observam os protestos nas ruas, mas que só é possível por meio dos processos organizativos construídos cotidianamente. Usando os termos de Tarrow (2009), poderíamos dizer que as passeatas são apenas a ponta do *iceberg*, que é sustentada em uma grande base submersa. Enfim, também seguindo as orientações de Adams, Ellis e Jones (2015), foi importante refletir sobre as circunstâncias e as condições de obtenção dos dados e da continuidade da própria pesquisa, para tentar problematizar a experiência engajada em relação ao rigor metodológico. Esses autores explicam que é impossível se esconder atrás da “aura da objetividade” e que é necessário expor as condições de pesquisa.

DENTRO E FORA DA MULTIDÃO: A PRODUÇÃO DAS IMAGENS COMO POTÊNCIA POLÍTICA

Fotografias clássicas como a da bandeira vermelha sobre o Reichstag em Berlim (1945) feita por Yevgenny Khaldei, a da conferência de Leon Trotsky em Copenhague (1932) feita por Robert Capa e as do Congresso da UNE (1979) realizadas por Milton Guran são alguns exemplos da potência política das imagens. Elas mostravam, respectivamente, o poder soviético tomando Berlim, o primeiro discurso de um líder bolchevique após o exílio e a resistência estudantil frente ao autoritarismo militar no Brasil.

Acredito que seja importante destacar, de forma breve, dois aspectos diretamente vinculados a esses exemplos, e ao que foi discorrido no tópico anterior: 1) o aspecto organizacional da fotografia e, 2) pensar a circulação das imagens como potência política, ressaltando que tal processo acarreta uma mudança no estatuto da imagem. Colocando em outros termos, será possível pensar que as imagens de Yevgenny Khaldei, Miltom Guran ou aquelas realizadas pela imprensa, por militantes possuem capacidade de trânsito que ultrapassar seus contextos organizacionais de produção para alcançar uma dimensão política por meio de sua circulação e massificação.

No âmbito do protesto ocorrido na Praça Brasil, em Imperatriz, é importante apresentar algumas orientações utilizadas na produção de imagens naquela situação. Mas, primeiramente, situar que

[n]a manhã do dia 15 de maio de 2019 ocorreu, na Praça Brasil, a convergência de duas realidades no mesmo espaço, pois o cenário cotidiano, aos poucos, foi sendo modificado pela aparição de pessoas de todas as direções. Chegaram faixas com frases e as siglas dos sindicatos e associações. Surgiam estudantes trazendo *banners* de projetos de iniciação científica e pesquisas de mestrado. Fizeram-se presentes líderes sindicais, alunos, professores e simpatizantes da causa. Havia um carro de som ornamentado com faixas e bandeiras que representavam aquele movimento mais amplo. (Caderno de campo, 2019)

Nos protestos, os carros de som têm sido lugares privilegiados para a obtenção de imagens com capacidade de enquadrar a totalidade do movimento, o que permite compreendê-lo de forma mais panorâmica. Segundo Certeau (2014), em seu texto “Caminhadas pela cidade”, a cidade tem sido observada de forma panorâmica, obedecendo a um sistema racional moderno que a compreende como uma espécie de ilusão que esconde os processos cotidianos dos transeuntes.

Para os movimentos coletivos, a imagem panorâmica (mais geral e aberta) possui forte representação, pois demonstra força e volume, reproduzindo imaginário clássico de que as ruas e praças devem ser ocupadas. Sobre esse imaginário no contexto da luta política, Castro Alves já afirmava em sua poesia “O Povo ao Poder”: “A praça! A praça é do povo/ Como o céu é do condor/ É o antro onde a liberdade/ Cria águias em seu calor.” Assim, ruas cheias e o quantitativo numérico são aspectos que se tornaram parâmetros para o “sucesso” ou não⁹ de um mo-

9 Um exemplo disso pode ser observado na matéria do site “*Brasil de Fato*”, que traz o título “Mais de um milhão vão às ruas em defesa da educação e contra a reforma da Previdência”, que pode ser acessada no endereço: <https://www.brasildefato.com.br/2019/05/15/em-todos-os-estados-brasileiros-vaio-as-ruas-em-defesa-da-educacao-e-contra-bolsonaro>. Acesso em: 21 jan. 2020, 10:10.

vimento social, independentemente da importância da causa. Isso porque esses dados são um indicativo direto da capacidade de organização e mobilização do movimento.

Contudo, na ausência de um aglomerado de pessoas, seria possível realizar enquadramento fechado que transmitisse sensação de volume de pessoas. Isso é uma situação comum em muitos veículos de comunicação, que encontram nas imagens maneiras de expressar seus posicionamentos a favor ou contra determinados grupos. No âmbito dos movimentos sociais, ocorre processo similar, evidenciando um consenso de que a fotografia deve ser compreendida dentro do contexto organizacional (BECKER, 2009), ou seja, segundo o sentido que ela expressa em relação ao seu local social de produção (redação jornalística, área de pesquisa, propaganda, comércio ou movimento social), e como uma extensão da visão por meio da qual o fotógrafo seleciona, interpreta e representa o objeto fotografado (GURAN, 2002; BERGER, 2017).

Enfim, na Imagem 3, temos um exemplo desse aspecto totalizador, mostrando a Avenida Getúlio Vargas cheia de manifestantes em defesa da educação.

Imagem 3. Estudantes com seus *banners* de iniciação científica



Fonte: Pereira (2019).

Trocando a visão de cima do carro de som por uma caminhada entre os militantes, notamos um paralelo com Certeau (2014), quando discorre que embaixo (*down*) é onde vivem os praticantes ordinários da cidade: caminhantes, pedestres e outros atores cujos corpos obedecem aos cheios e vazios de um texto urbano que escrevem sem poder acessá-lo. É nesse âmbito de observação que Collier Jr. (1973) explica que a fotografia de ações sociais pode conduzir o pesquisador para uma rica área de pesquisa não verbal, pois permite a observação de comportamentos físicos, tais como postura, expressões faciais e gestos das mãos e dos braços (COLLIER

JR., 1973, p. 56). É no “down” que o pesquisador pode observar cenas como a da Imagem 4, que traz uma repórter entrevistando o professor quase aposentado Carlos Alberto Claudino Silva, de 57 anos. Na ocasião, ele explicava a importância da educação pública e a situação da Universidade Federal do Maranhão para a repórter Mikaelle Katussia Martins, da TV Difusora. A entrevista foi realizada na Praça Brasil, nos primeiros momentos de concentração da passeata.

Imagem 4. Circulação das imagens: televisão e redes digitais



Fonte: Pereira (2019).

Imagem 5. Circulação das imagens: televisão e redes digitais



Fonte: Pereira (2019).

Já na imagem 5, visualizamos um repórter, da emissora concorrente, na realização de uma entrevista com Francisco Messias da Silva, 44 anos, que além de participar da Central dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil (CTB) e do FDPSP, é o atual presidente do Sindicato dos Servidores da Educação Municipal de Imperatriz (STEEI). Ambas as imagens demonstram uma estratégia de tornar os conteúdos dos movimentos sociais conhecidos.

As situações de presença de equipes de televisão nos fazem lembrar do estudo de McCarthy, Smith e Zald (1996), quando percebem que os movimentos sociais elaboram estratégias para transmitir seus enquadramentos para diversos públicos. Por conta disso, é fundamental o contato com jornalistas, lideranças políticas e sindicais e quaisquer outros atores que possam atribuir impacto político, ou seja, possuam capacidade de alterar a situação diagnosticada pelos militantes como injusta. Esses autores ressaltam que os meios de comunicação de massa exercem importante influência na inclusão de temas na agenda pública e que os repórteres produzem as notícias segundo critérios vinculados ao interesse público e à presença de personagens que possuem impacto, ou quaisquer outros elementos que atraiam o interesse do público, por exemplo, situações espetaculares, emotivas e que possuam um grau de ressonância cultural.

É importante explicar que, por um lado, as redes de relações interpessoais foram ativadas para estimular a presença da imprensa local, já que o FDPSP conta com a participação de estudantes e profissionais da área de Comunicação Social. Por outro, as equipes de reportagem priorizam critérios (já citados) que potencializam a audiência da matéria produzida. Um dos resultados desse trabalho jornalístico pode ser observado com mais detalhes na reportagem sobre o protesto que foi postada no canal da TV Difusora¹⁰.

Para os movimentos sociais, trata-se de publicizar e amplificar o alcance de conteúdos que foram debatidos entre os pares, em outras situações de organização (imagem 2). Assim, nos processos de organização interna e de exposição pública, fundamentais para a existência e reprodução dos movimentos sociais, as imagens em circulação atuam de forma preponderante na visibilidade do movimento social e das questões reivindicadas.

Imagem 6. Os especialistas da imagem



Fonte: Pereira (2019).

¹⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PU-CIytjfnY>. Acesso em: 18 jul. 2020, às 21:18.

Retomando a ideia da imagem pensada segundo o contexto organizacional (BECKER, 2009), observamos que, naquele contexto, existiam equipes jornalísticas, assessores de comunicação de alguns sindicatos e militantes na realização de registros fotográficos. Na Imagem 6, observamos o trabalho de uma assessora de comunicação do Steei (Sindicato dos Servidores da Educação Municipal de Imperatriz) buscando um ângulo que demonstrasse o volume da passeata.

Os profissionais militantes seguem orientação similar à dos jornalistas, que visam à produção de matérias de linguagem rápida e sintética – provavelmente por uma questão de formação jornalística – e aumentar a visibilidade de seus movimentos e reivindicações. Além disso, esses profissionais conseguem fazer registros que são divulgadas também por meio de redes sociais.

Assim, na *fanpage*¹¹ do FDPSP no Facebook, é possível visualizar uma série de imagens das lideranças e dos aglomerados. Além disso, o Movimento Estudantil apresenta uma série de imagens em seu perfil no Instagram¹², sinalizando que esse possui muitas referências e influências da produção de fotografias e vídeos, que vão desde aquelas mais amadoras até as que sinalizam mais profissionalismo. Contudo, um dos líderes do movimento me afirmou que as imagens também possuem uma estética política.

Há ainda as fotografias produzidas por simpatizantes e pessoas não tão próximas ao núcleo dos movimentos. Essas podem ser observadas em vários perfis nas redes sociais de alguns que estavam presentes nas manifestações. Não é nosso objetivo realizar um estudo dos perfis dos participantes, mas consideramos que, em um *continuun* com escalas que sinalizem desde as questões mais individuais até as mais coletivas, podemos perceber várias formas e sentidos para esse tipo de produção observada em campo: desde aqueles que apenas capitalizam a posição de militante, os que passaram a participar de todas as manifestações e aqueles que tiraram fotos e sequer postaram nos próprios perfis nas redes sociais¹³.

Diante desse contexto de produção imagética, posso afirmar que ocupei diversas posições e pude captar várias modalidades de fotografias, desde *selfies* com pessoas “de apenas uma passeata” até aquelas em que sou registrado nas reuniões internas de organização do FDPSP. Para ressaltar o aspecto das fotografias motivadas por amizade, admiração ou outros sentimentos, trago um painel na Imagem 7, para o qual selecionei algumas imagens feitas por pessoa

11 Disponível em: <https://www.facebook.com/forumdaprevidenciaitz/> Acesso em: 19 jul. 2020, 23:20.

12 Disponível em: <https://www.facebook.com/pg/frenteestudantilitz> Acesso em: 19 jul. 2020, 23:20.

13 Por questões éticas, não cabe exemplificar, mas é importante reforçar que essas são informações coletadas durante a observação participante.

com as quais mantenho relações dentro e fora da militância.

Imagem 7. Fotografias de militância, amizade e pesquisa



Fonte: Amigos e alunos, 2012, 2017 e 2019.

Na Imagem 7, temos (da esquerda para a direita): uma fotografia feita por uma aluna da Universidade Estadual de Roraima, quando participei de uma greve de professores em 2012, aos 33 anos. Na imagem seguinte, feita por minha companheira, eu estava no bloqueio da BR 010 (Belém – Brasília), realizado como uma das manifestações da greve geral de 28 de abril de 2017. A terceira, que pode ser observada na própria rede social do FDPSP, remete à situação em que eu carregava uma faixa da APRUMA durante a manifestação de 30 de maio de 2019. Já a imagem abaixo, feita por um colega professor da Universidade Federal do Maranhão, ocorreu durante uma manifestação contra a reforma da previdência ocorrida em março de 2019. As duas últimas são da manifestação de 15 de maio de 2019, uma feita pelo professor Magno Urbano e a outra por um aluno da UFMA. Embora as motivações delas estejam além da militância, elas são fundamentais para apontar minha inserção no campo de pesquisa específico dos movimentos sociais em Imperatriz-MA, e de forma mais ampla como militante. Assim, a minha relação como militante parecia ambígua, já que estava nas ocasiões como pesquisador, militante e aprendiz de fotografia. Se observar e treinar o olhar é uma atitude fundamental para as três ocupações, foi também necessário olhar para si mesmo.

Nesse caminho, Favret-Saada (2005) nos instigou a repensar o fazer antropológico e o lugar da experiência humana, enfatizando a reflexão a respeito da obtenção dos dados e dei-

xando claro que seria um erro separar o “eles” do “nós”. Isso porque, ao ocupar as posições da organização do outro, é possível receber informações com uma intensidade maior, que necessita ser experimentada. Para a autora, essa experiência não significa que estaríamos na condição de compreender o afeto do outro, mas de nos deixar afetar pelo outro, o que compreendemos como a possibilidade de romper alguns obstáculos epistemológicos que cegam ou direcionam a *práxis* antropológica para um direcionamento único.

Contudo, diferentemente de Bocage (França), compreendemos que, em nosso caso, analisar um movimento social urbano foi um experimento de alteridade mínima (PEIRANO, 2000). Assim, é necessário explicar que a cidade de Imperatriz é uma metrópole que apresenta certa heterogeneidade de grupo e personalidade, permitindo várias experiências e inserções. Trata-se de uma situação que remete à concepção de Wirth (1967) ao explicar que a mobilidade dos indivíduos na cidade lhes possibilita um *status* flutuante no seio de grupos diferenciados que constituem a estrutura social da urbe. Para ele, “nenhum grupo isolado é possuidor da fidelidade exclusiva do indivíduo” (WIRTH, 1967, p. 113).

Além de o contexto urbano tornar possível essa mescla de papéis, é importante lembrar do estudo de Lahire (2002) que busca desconstruir o mito da identidade invariável e da unicidade das pessoas. Para ele, a produção de um *habitus* homogêneo em todas as esferas da vida não seria possível, pois as transposições desejadas pelos indivíduos sofrem resistências como: interesses sociais opostos, públicos indiferentes, materiais culturais rebeldes e fontes de legitimidade competitivas. A unicidade e invariabilidade dos papéis são construções sociais legitimadas por instituições e saberes que representam também obstáculos epistemológicos para a percepção a respeito da construção da realidade social.

Assim, nossa pesquisa não se expressou como um desejo de maquiagem e ocultar a experiência urbana e biográfica do pesquisador, ou de demonstrar as representações nativas, até porque eu era tão nativo quanto meus informantes. Na verdade, seguindo as orientações desses autores, buscamos problematizar essa experiência de ser afetado, para daí buscar compreender o papel das imagens como meio de inserção e como potência política do movimento social. São acontecimentos e materiais que datam de um ano atrás e que nos permitiram compreender um pouco das lógicas internas, mais gerais, na forma como as imagens são utilizadas.

E experiência de inserção nos remete muito ao estudo de Bourdieu (2007), quando observa que, por mais que a relação entre pesquisador e objeto tente se distanciar das situações comuns, sempre é antes de tudo uma relação social. Nesse sentido, não busquei tratar os interlocutores como exóticos ou evitar tensões que são próprias de qualquer organização social. Longe de buscar impressionar os informantes concordando e defendendo todas as pautas, compreendi

que uma postura crítica e combativa marcava uma espécie de capital social valorizado naquele campo-mais que as posturas conciliadoras e de negociação.

Enfim, tentei construir uma relação de participação, mas ao mesmo tempo de construção identitária relacionada à prática fotográfica e ao trabalho de sindicalização dos professores¹⁴. Nesse processo, as imagens caracterizaram uma forma de inserção, uma forma de diálogo com outros militantes e de autorreflexão.

DAS RUAS PARA AS REDES: A CIRCULAÇÃO DAS IMAGENS

No livro “Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet”, Castells (2013) analisa as revoluções por direitos na Tunísia e no Egito, observando que a difusão de imagens dos protestos e da violência policial no *Youtube*, *Facebook* e *Twitter* estava atrelada à convocação para que as pessoas ocupassem as ruas. Dessa forma, notamos que “as manifestações de rua não estão separadas da comunicação via internet, e são produzidas simultaneamente e de forma compartilhada em todos os lugares” (ALEXANDRE, 2018, p. 118). Por conta disso, Silva (2016) observa que a natureza política das imagens existe quando elas extrapolam os aspectos visuais e passam a ser observadas em contextos em que outros sentidos são ativados, durante o seu processo de produção-consumo.

Seguindo teóricos como Rancière (2014) e Benjamin (1987), é possível inferir que, além dos contextos sócio organizacionais (BECKER, 2009) citados no tópico anterior, a circulação e a massificação sinalizam a potência política da imagem. Para isso seria necessário transitar do contexto de produção da imagem, ou seja, daquele em que todos os aspectos humanos são transmitidos, dentro de determinado recorte espaço-temporal para o processo de difusão massiva da mesma nos meios de comunicação. Por outro lado, o valor de culto das fotografias passa a ser cada vez mais recuado em detrimento do valor de exposição que é associado a maior capacidade de deslocamento das fotografias.

Em relação a esses aspectos Rancière (2012) explica que o valor de culto de algumas fotografias pode ser algo de reflexão em relação da capacidade de sensibilidade, quando se busca esclarecer os contextos de produção técnica. Por meio desse aspecto é que ela poderia ser recep-

14 Tratou-se de um trabalho cotidiano já que também ocorria questionamentos indiretos, por parte de alguns membros, quanto ao meu papel na organização. Situações que não possibilitaram conciliação com alguns membros e marcaram uma espécie de quadro de disputa interna.

tora de novos significados e intencionalidades colocadas pelo expectador. Nesse sentido, potência política e capacidade de gerar indignação não estaria no conteúdo em si, mas nas formas de apresentação da imagem e na maneira como se articula com novos procedimentos, quebrando a visão hierárquica as formas representativas de imagem e possibilitando uma dimensão estética que articule novos sentidos e rupturas. Já para Benjamin (1987), seria na reprodutividade técnica que as fotografias se emancipariam de sua própria história e sua relação ritualística para se fundarem na política.

Como exemplo desse processo, é possível citar o próprio estudo de Castells (2013) e Silva (2016) quando citam o caso da morte do jovem Khaled Said após ter sido espancado por policiais que o acusavam de ter espalhado vídeos que registravam os oficiais recebendo propinas em uma apreensão de drogas. A questão que se poderia colocar é: imagens de jovens sendo espancados é algo corriqueiro nas redes sociais, por que nesse caso ocorreu uma mobilização de grande repercussão?

Assim, é importante narrar que, após essa morte, foi criada uma *fanpage* “*We are all Khaled Said*”¹⁵ no *Facebook* que convocava as pessoas para a rua. Parte do resultado disso pode ser observada no jornal *The New York Times*¹⁶ que trazia a manchete sobre o movimento criado no *Facebook* e uma imagem de militantes segurando a fotografia de Khaled Said enquanto confrontavam tropas policiais egípcias¹⁷.

Podemos dizer que as fotografias de Khaled Said passaram por uma metamorfose ao se inserirem no contexto político, transformando a imagem de um jovem egípcio, que poderia ser um entre milhares, em um símbolo de luta política. Isso está diretamente relacionado ao trânsito das imagens por diferentes contextos editoriais, pelos chamados e pela mobilização de símbolos culturais e representações sociais compartilhadas, que tornaram o jovem um ser humano, não um número. E, principalmente, pela forma de apresentação e circulação da imagem que passou a aglutinar outros sentidos.

É possível notar que, no âmbito da circulação, as imagens cumprem dois papéis fundamentais para o movimento social: um no âmbito da operacionalização estratégica; e outro na construção de sentidos, de modo que podem ser compreendidas tanto como um repertório

15 Disponível em: <https://www.facebook.com/elshaheed.co.uk/> Acesso em: 21 jul. 2020, 21:18.

16 Disponível em: <https://www.nytimes.com/2011/02/06/world/middleeast/06face.html> Acesso em: 20 jul. 2020, 21:18.

17 Silva (2016) discorre detalhadamente sobre o impacto das expressões faciais nas imagens de protesto, dando especial atenção para as fotografias de Khaled Said expostas durante manifestações.

de base para a ação coletiva¹⁸ quanto como um elemento de materialização e expressão de enquadramentos (SNOW; BENFORD,2000). Esse processo é possível porque elas podem ser organizadas por um número restrito de militantes para ter capacidade emotiva e ressonância no público. Seleccionando temas sensíveis e tocando as emoções é que mobilizam as pessoas para as ruas e, conseqüentemente, para as ações coletivas¹⁹.

Imagem 8. Os celulares são “armas” e as boas imagens, a “munição”



Fonte: Frente estudantil itz (2019).

Na Imagem 8, observamos o protesto estudantil nas ruas, no dia 30 de maio de 2019. Mas ela também é a projeção do mesmo movimento na comunicação digital desenvolvida pela Frente Estudantil de Imperatriz que organiza e difunde seus conteúdos em um perfil que possui no Instagram²⁰. Nele, a imagem da multidão na rua foi complementada pela mensagem “A palavra de ordem é: TIRA A MÃO DA NOSSA EDUCAÇÃO!”.

A imagem mostra o estudante Lucas Matos²¹ com as mãos erguidas segurando o celular para registrar a passeata. As mãos erguidas com os celulares são expressões corporais cotidia-

18 Para Sidney Tarrow (2009), os repertórios de ação coletiva se manifestam por meio de ações coletivas que são, geralmente, o único recurso que as pessoas comuns possuem contra opositores mais equipados.

19 Para os teóricos da perspectiva do processo político, os movimentos sociais existem quando ganham forma por meio de ações coletivas. Por conta disso, é possível compreender que esses são termos muito próximos.

20 Disponível em: <https://www.instagram.com/p/ByHDCHPhoua>. Acesso em: 19 jul. 2020, 19:30.

21 Ele é estudante do Curso de Jornalismo, membro da União da Juventude Socialista (UJS) e da União Nacional dos Estudantes, que explicou a gravidade dos cortes para a UFMA.

nas e que também ganharam lugar nas mobilizações, como evidenciaram as imagens 4, 5, 6 e 7. São as mãos que produzem e compartilham nos *status* de WhatsApp (restrito aos contatos telefônicos), nos canais do Youtube e nos perfis das redes sociais, informando a todos de sua rede que há um alinhamento entre os militantes e simpatizantes e as causas dos protestos. A imagem do rapaz segurando o celular ressalta a própria importância da circulação como modo de produzir potência política.

Sobre a circulação das imagens, Silva (2016, p. 113) explica que “mais poder é dado aos eventos através de sua disseminação nas mídias sociais e também através da participação efetiva nas ruas”, deixando claro que a imagens transitam na continuidade entre o off-line e o on-line. Tanto nos perfis do movimento estudantil²² quanto no do FDPSP²³, há um conjunto de imagens sobre os protestos, as oficinas, os momentos de preparação de cartazes e as declarações públicas, que reproduzem repertórios modulares, expressando práticas observadas em outras mobilizações ocorridas em outros lugares do Brasil e do mundo.

Na imagem 9, vemos uma manifestação na Praça de Fátima – um dos locais mais tradicionais da cidade de Imperatriz em termos de lugar para protestos – com a presença dos estudantes Lucas Matos, de 24 anos, e Marcos Lira, que eram da União Jovem Socialista e UFMA. Eles utilizavam o microfone para emitir palavras de ordem e fazer músicas curtas cujas mensagens defendiam a educação e exaltavam o movimento estudantil. É interessante notar que no carro de som há uma faixa da Central dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil (CTB), provável financiador. Quanto a isso, pude observar, nas próprias reuniões do FDPSP, que várias entidades dividiam os valores do aluguel do carro de som para algumas mobilizações estudantis.

22 Disponível em: https://www.facebook.com/pg/frenteestudentiliz/videos/?ref=page_internal. Acesso em: 19 jul. 2020, 19:30.

23 Disponível em: <https://www.instagram.com/forumdaprevidencia/> Acesso em: 19 jul. 2020,19:30.

Imagem 9. Alinhamentos de ideias / alinhamentos de recursos



Fonte: Frente estudantil itz (2019)²⁴.

A presença da imagem no perfil do movimento estudantil reforça a importância do aspecto da circulação. A análise do que foi ocultado faz pensar no enquadramento centrado nas lideranças estudantis, nas faixas e cartazes de protesto no chão e no carro de som com uma imensa faixa do CTB. Os símbolos presentes nos perfis seguem o padrão das imagens 7 e 8, pois oferecem visibilidade para a defesa da educação no contexto em que as universidades eram classificadas como “locais de balbúrdia”. Seguindo o aspecto da representação, as imagens demonstram a coalizão entre partidos, movimentos sociais e estudantes está presente não apenas nas imagens, mas também constitui a própria retórica das lideranças do movimento estudantil, conforme podemos verificar no relato de Lucas Matos:

Eu já cumpri algumas tarefas no movimento estudantil, fui vice da **UNE Maranhão**, cumpri tarefa como **Diretor de Movimentos Sociais** no **DCE da UFMA** e como Presidente da União Estadual dos Estudantes do Maranhão Livre, além do Movimento Social, que eu construí as **fileiras em diversas tarefas que é a UJS União da Juventude Socialista**. (...) **o movimento social e o movimento estudantil são grandes escolas de política e democracia, são espaços ricos de formação, conscientização e de aprimoramento do senso crítico e análises da realidade em que vivemos**. O M.E. foi até hoje uma das experiências mais gratificantes que tive em toda minha vida, **pois fez uma pessoa comum se tornar uma grande liderança desse seguimento da sociedade e tenho certeza que muitas outras pessoas comuns foram empoderadas por essa luta coletiva que busca, entre outras coisas, um país mais justo em que a educação seja um espaço plural e que todos tenham acesso a esse espaço [...]**. (Lucas Matos, diálogo realizado em 20 de julho de 2020)²⁵.

²⁴ Pode ser assistido no endereço: https://www.instagram.com/p/B1Hg_kJgi7e/. Acesso em: 19 jul. 2020, 19:30.

²⁵ Por conta do contexto pandêmico, o diálogo foi desenvolvido por aplicativo de WhatsApp e integra um conjunto de dados mais amplo relacionado a pesquisa. O contato com Lucas Matos ocorre desde o primeiro semestre de 2019, por conta das reuniões estudantis ocorridas por conta do 15 e 30M. Em 2020, Lucas Matos lançou a candidatura a vereador pelo PC do B, levantando a bandeira da educação

Os diálogos com Lucas Matos e com Marcos Lira nos ajudaram a compreender que existia também uma relação entre as trajetórias deles e a produção das imagens. Que segundo eles possuíam o objetivo de promover uma reflexão crítica no expectador, ou seja, possuíam uma intencionalidade política. Tanto para se refletir sobre o contexto organizacional (BECKER, 2009) quanto para se pensar a circulação, no viés de Rancière (2012), é importante obter essas informações vinculadas diretamente ao lado da produção imagética, para compreender a imagem em seu próprio contexto e depois seu trânsito pela rede, servindo como chamada para outros estudantes se juntarem a luta pela educação.

A produção, a circulação e a perda da aura (BENJAMIM, 2019) constituem um tipo de esqueleto a partir do qual é possível se pensar a reflexividade da produção imagética, na relação entre o pesquisador-militante em seu esforço de pensar os melhores enquadramentos que representassem a ideia de força e panorama. Ao mesmo tempo, a imagem perde esse estatuto de representação (associada a prática fotográfica) quando é massificada nas redes sociais dos simpatizantes e militantes. Dessa forma, são encaixadas em diversos contextos e relacionadas aos sentidos atribuídos pelos expectadores, escapando assim dos primeiros olhares do fotógrafo. Similar à força de uma pequena alavanca que é capaz de mobilizar grandes objetos, as formas de apresentação e a circulação potencializam politicamente as imagens, e os próprios produtores delas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em uma perspectiva de pensar as imagens em relação aos contextos organizacionais nos quais elas são produzidas, foi possível refletir sobre uma série de relações no decorrer deste estudo: desde aspectos relacionados à reflexividade no campo de pesquisa até a produção e circulação de imagens. Assim, a produção e a circulação de imagens podem ser interpretadas como tarefas fundamentais que se integram em uma divisão de trabalho do movimento social, possuindo também um sentido profissional, apesar dos vários sentidos que suscitam.

No âmbito da experiência de campo, elas foram um indicativo e estratégia de aproximação, bem como uma forma de engajamento, denotando o aspecto polissêmico da imagem e a pluralidade dos próprios atores sociais. A reflexividade possibilitou pensar essas posições e descortinar o campo em vários tipos de atores sociais e seus respectivos sentidos na produção imagética. Tal exercício permitiu não cair na reificação ou naturalização de uma imagem única,

encaixada em um jogo de oposição, ou de relação de “nós” contra “eles”, mas sim mergulhar um pouco mais na heterogeneidade existente nesses “nós”.

Verificamos que os discursos das imagens refletem as relações estabelecidas dentro e fora dos movimentos sociais, construindo contextos em que deixam de ser simples artefatos visuais para ganharem natureza e estética política. Trata-se de um processo que remete às próprias operações de produção e difusão imagética nos protestos de rua e nas redes sociais on-line. Desse modo, podem ser compreendidas como um repertório de base, por possuírem capacidade de mobilizar, e como resultados de processos de enquadramento, quando trazem simbologias e traduzem processos de negociação e alinhamento entre movimentos sociais.

Longe de esgotar as possibilidades analíticas, este breve estudo buscou analisar um pouco dos processos políticos contemporâneos, demonstrando que tanto o contexto de pesquisa quanto as próprias dinâmicas dos movimentos sociais podem ser observados em suas dimensões extraordinárias e cotidianas e que a produção imagética pode ser um caminho de compreensão dos aspectos culturais que dão base e estruturam as bandeiras de luta.

REFERÊNCIAS

1. ACHUTTI, Luiz Eduardo Robison. **Fotoetnografia da biblioteca Jardim**. Porto Alegre, RS: Editora da UFRGS, 2004. Tomo Editorial.
2. ADAMS, Tony; ELLIS, Carolyn; JONES, Stacy. **Autoethnography: understanding qualitative research series**. New York, NY: Oxford University Press, 2015.
3. ALEXANDRE, Agripa Faria. **Sociologia da ação coletiva**. 1. ed. Florianópolis, SC: Editora UFSC, 2018. v. 1. 153 p.
4. BECKER, Howard. Sociologia visual, fotografia documental e fotojornalismo. *In*: BECKER, Howard. **Falando de Sociedade: ensaios sobre as diferentes maneiras de representar o social**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009. p. 185-200.
5. BENJAMIN, Walter. “A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica”. *In*: BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas I**. São Paulo: Brasiliense, 1987.
6. BERGER, John. **Para entender uma fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
7. BOURDIEU, Pierre. Compreender. *In*: BOURDIEU, Pierre (org.). **A miséria do mundo**. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 693-732.

8. CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança**: movimentos sociais na era da internet. Trad.: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013. 271 p.
9. CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**: 1. artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
10. COLLIER JUNIOR, John. **Antropologia visual**: a fotografia como método de pesquisa. São Paulo: Ed. Pedagógica e Universitária; Ed. USP, 1973.
11. DAMATTA, Roberto. **O ofício de etnólogo ou como ter anthropological blues**. In: NUNES, E. de O. A aventura sociológica. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p. 23-35.
12. DAVIS, John. “**Tense in ethnography**: some practical considerations” in Okely, Judith and Helen Callaway. *Anthropology and Autobiography* London and New York: Routledge, 1992. p. 205-20.
13. DIAS, Natal Marques; PEREIRA, Jesus Marmanillo. Quadros e movimentos sociais: ação coletiva na defesa de direitos em Imperatriz, Maranhão. **Mosaico**, Rio de Janeiro, v. 12, p. 70-92, 2020. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/mosaico/article/view/81452/78039/>. Acesso em: 20 fev. 2019.
14. FAVRET-SAADA, Jeane. Ser afetado. **Cadernos de Campo**, São Paulo, n. 13, 2005. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/50263/54376/>. Acesso em: 11 fev. 2019.
15. GOLDMAN, Marcio. Os tambores dos mortos e os tambores dos vivos. Etnografia, antropologia e política em Ilhéus – Bahia. **Revista Antropologia**, São Paulo, v. 6, n. 2, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ra/a/ZbLf7Zpb9rXF7bqndnd56GPd/?format=pdf&lang=pt/>. Acesso em: 10 jan. 2019.
16. GURAN, Milton. Considerações sobre a constituição e a utilização de um corpus fotográfico na pesquisa antropológica. **Discursos Fotográficos**, Londrina, PR, v. 7, n. 10, p. 77-106, jan. /jun. 2011. Disponível em: <https://www.uel.br/revistas/uel/index.php/discursosfotograficos/article/view/9215/7841/>. Acesso em: 03 mai. 2019.
17. GURAN, Milton. **Linguagem fotográfica e informação**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, 2002.
18. JOHNSTON, Hank; KLANDERMANS, Bert. The cultural analysis of social movements. In: JOHNSTON, Hank; KLANDERMANS, Bert. **Social movements and culture**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1995.
19. LAHIRE, Bernard. Esboço de uma teoria do ator plural (o ator plural). In: LAHIRE, Bernard. **Homem plural**: os determinantes da ação. Petrópolis: Vozes, 2002.
20. MAUAD, An. Milton Guran, a fotografia em três tempos. **Studium (UNICAMP)**, v. 28, p. 1, 2009. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/studium/article/view/12354/>. Acesso em 16 fev. 2019.

21. MCCARTHY, John; SMOTH, Jackie; ZALD, Mayer. El acceso a la agenda pública y a la agenda del gobierno: médios de comunicacion y sistema electoral. *In*: McCARTHY, John; SMOTH, Jackie; ZALD, Mayer. **Movimientos sociales: perspectivas comparadas**. Madrid: Istmo, 1996.
22. PEIRANO, Mariza. A alteridade em contexto: a antropologia como ciência social no Brasil. **Série Antropologia**, Brasília, DF, v. 255, 2000.
23. PINK, Sarah. Agendas interdisciplinares na pesquisa visual: reposicionando a antropologia visual. **Cadernos de Antropologia e Imagem**, n. 21, v. 2, p. 61-85, 2005. Disponível em: <http://ppcis.com.br/wp-content/uploads/2018/09/Cadernos-de-Antropologia-e-Imagem-21.-10-Anos-1995-2005.pdf>/ Acesso em 23 nov. 2019.
24. PINK, Sarah. **Doing visual ethnography**. Londres: Sage Publications, 2001.
25. RANCIÈRE, Jacques. **O espectador emancipado**. Trad.: Ivone C. Benedetti. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.
26. SAMAIN, Etienne. Antropologia visual e fotografia no Brasil: vinte anos e pouco mais. **Cadernos de Antropologia e Imagem**, n. 21, v. 2, p. 61-85, 2005. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/350093/2/CAI_212115132.pdf Acesso em: 10 jul. 2019.
27. SILVA, Tarcisio Torres. **Ativismo digital e imagem: estratégias de engajamento e mobilização em rede**. Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2016.
28. SNOW, David; BENFORD, Robert. Framing processes and social movements: an overview and assessment. **Annual Rev. Sociology**, v. 26, p. 611-39, 2000. Disponível em: <https://www.annualreviews.org/doi/abs/10.1146/annurev.soc.26.1.611/> .Acesso em 15 jul. 2018.
29. TARROW, Sidney. **O poder em movimento: movimentos sociais e confronto**. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.
30. WIRTH, Louis. O urbanismo como modo de vida. *In*: VELHO, O. G. (org.). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967. p. 97-122.

Jesus Marmanillo Pereira

Professor na Universidade Federal do Maranhão no Curso Ciências Humanas/Sociologia e no Programa de Pós-Graduação em Sociologia (Campus Imperatriz). Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e do Laboratório de Estudos e Pesquisa sobre Cidades e Imagens. Doutor em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal da Paraíba. Doutorando em Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal da Paraíba. Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Maranhão. ID ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5220-5567>. E-mail: marmanillo.jesus@ufma.br